
PERSPECTIVAS DE ESTUDOS SOBRE A FORMAÇÃO DO SEM-TERRA: O USO DAS CATEGORIAS DO UNIVERSAL, PARTICULAR E SINGULAR

PERSPECTIVAS DE ESTUDIOS SOBRE LA FORMACIÓN DEL SIN TIERRA: EL USO DE LAS CATEGORÍAS DE LO UNIVERSAL, PARTICULAR Y SINGULAR

STUDY PROSPECTS ON LANDLESS WORKERS' FORMATION: THE USE OF CATEGORIES OF UNIVERSAL, PARTICULAR AND SINGULAR

Fátima Moraes Garcia¹

Resumo: Esta produção científica trata de subsídios teóricos com base no materialismo histórico dialético, associado de forma objetiva à relevância de aprofundar a compreensão e apreensão dos engendramentos existentes entre o universal, o particular e o singular na e sobre a formação humana do sem-terra. A necessidade de debater e aprofundar este tema decorre da emergência teórica e metodológica que entendemos estar posta pelos estudos vinculados aos movimentos sociais e seus processos educativos no campo do marxismo.

Palavras-chave: universal, particular, singular, formação do sem-terra

Resumen: Esta producción científica trata de subsidios teóricos con base en el materialismo histórico dialéctico, asociado de forma objetiva a la relevancia de profundizar la comprensión y aprehensión de los engendramientos existentes entre lo universal, lo particular y lo singular en y sobre la formación humana del sin tierra. La necesidad de debatir y profundizar este tema deriva de la emergencia teórica y metodológica que entendemos estar puesta por los estudios vinculados a los movimientos sociales y sus procesos educativos en el campo del marxismo.

Palabras clave: universal, particular, singular, formación del sin tierra

Summary: This scientific production addresses theoretical issues based on dialectical and historical materialism, associated objectively to the relevance of deepening the understanding and apprehension of the existing generations between universal, particular and singular in and about human formation of landless workers. The need to discuss and deepen this topic stems from the theoretical and methodological emergence we understand is been put in studies related to social movements and their educational processes in the field of Marxism.

Keywords: universal, particular, singular, formation of landless workers

Introdução:

A reflexão que justifica o presente estudo vincula-se a problemática metodológica da relação entre o universal e o particular, tendo em vista a necessidade de aprofundamento das análises que buscam compreender as mediações que estão presentes na formação do sem-terra. O que têm relevância teórica para estudos relacionados com os processos de formação humana desses sujeitos e as possibilidades reais de emancipação presentes no MST.

Ao considerarmos para essas análises a importância de métodos que privilegiem o estudo das mediações entre o universal, o particular e o singular, supomos que os riscos de cairmos em interpretações

idealistas, subjetivistas, ou, ainda, culturalistas², sejam reduzidos, quando maximizadas as possibilidades de identificar e conhecer essas mediações. Oferecendo, dessa forma, um campo de compreensão mais próximo a realidade concreta onde é gerada e constituída tal formação.

O objetivo geral desta produção científica trata da necessidade de buscar subsídios teóricos com bases no materialismo histórico dialético para, assim, aprofundar a compreensão e apreensão dos engendramentos existentes entre o universal, o particular e o singular³ na formação humana do sem-terra. A necessidade de debater e aprofundar este tema decorre da emergência teórica e metodológica com ênfase no materialismo histórico dialético, que entendemos estar posta pelos estudos vinculados aos movimentos sociais e seus processos educativos⁴.

As possibilidades reais e formais existentes entre o universal, o particular e o singular⁵:

...a terra só é para o homem mediante o trabalho, a agricultura. Desta forma, a essência subjetiva da riqueza já é transferida para o trabalho *unicamente produtivo*. Assim, o trabalho não é ainda apreendido em sua universalidade e abstração, ainda está ligado a um elemento natural particular como [sendo] sua matéria, portanto ele também ainda é reconhecido apenas num *modo de existência particular determinado pela natureza*. (MARX, 2004, p. 101)

Para Cheptulin (2004) o *singular* ao tratar-se de uma formação dada (coisa, objeto, processo) constitui suas próprias propriedades e ligações que não existem em outras formações materiais, e as propriedades e ligações que se repetem constituem o *geral/universal*. Através de alguns exemplos este autor explica que o singular e o geral não existem de maneira independente, “*mas somente por meio de formações materiais particulares (coisa, objetos, processos), que são momentos, aspectos destes últimos*” (idem, p. 194). E por isso que cada coisa representa a unidade do singular e do geral, do que não se repete e do que se repete. Por esse movimento é que o singular e o geral estão organicamente ligados, e somente poderão ser separados no estado puro por abstração, explica Cheptulin. E por esta forma de conceber a materialidade:

A correlação do singular e do geral no particular (formação material, coisa, processo) manifesta-se como correlação de aspectos únicos em seu gênero, que são próprios apenas a uma formação material dada, e a aspectos que se repetem nesse ou naquele grupo de outras formações materiais. (CHEPTULIN, 2004, p. 195).

Em outras palavras, quer dizer que a correlação do singular e do geral manifesta-se no particular, ao transformarem-se do singular em geral e vice-versa, pelo processo do movimento e do desenvolvimento das formações materiais. Mas também existe uma correlação do particular e do geral, que Cheptulin esclarece da seguinte forma: se o singular é uma propriedade que não se repete, e que é próprio apenas a uma formação material dada (coisa, objeto, processo), o particular é a própria formação material a própria coisa, objeto ou processo. Chegando a definição de que o particular é a unidade do singular e do geral, e a correlação do particular e geral representa por fim uma correlação do todo e da parte, e exatamente por esta compreensão dialética o autor afirma “*o particular é o todo e o geral é a parte*” (idem, p.196)⁶

Ao trazer estas interpretações de Cheptulin perspectiva-se a elaboração de um esquema analítico que venha a ter um poder maior de explicação das possibilidades reais de formação existentes no MST. Através do esquema exposto abaixo, que se trata de uma elaboração teórica inicial, procuraremos argumentar a importância metodológica destas categorias⁷, especificamente voltadas para a compreensão da formação humana do sem-terra:

- Concreto-real = prática social + realidade (concreto dado)
- Circunstâncias = concreto-real + necessidade (do particular para o universal ou de dentro do Movimento para fora)
- Determinação = concreto-real + objetividade (totalidade para o particular ou de fora do Movimento para dentro)
- Necessidade = objetividade + subjetividade = materialidade (produção da existência do sem-terra)

Para a organização deste esquema tomamos como base os estudos de Iasi (2006) sobre a mediação entre o particular-singular-universal, quando apresenta a seguinte co-relação social: o particular corresponde a grupo; o singular corresponde ao indivíduo e o universal corresponde à classe. No caso do estudo deste pesquisador as mediações analisadas se deram entre grupo-operário-classe trabalhadora. Utilizando-nos desta interpretação re-elaboramos esse quadro analítico da seguinte forma: MST (grupo social); sem-terra (indivíduo); expoente da classe trabalhadora (classe), ou seja, particular (MST); singular (sem-terra); universal (classe trabalhadora camponesa). O quadro passa a assumir este perfil: MST - Sem Terra - classe trabalhadora camponesa.

O referido autor faz uma advertência que traz para nosso estudo um aspecto a ser refletido, em especial quando procurarmos melhor definir essas mediações, ele explica o seguinte:

...os indivíduos não correspondem propriamente à categoria singular, são uma manifestação particular do ser social humano, assim como são formas particulares o grupo é a própria classe. São momentos do processo de totalização no interior do qual a práxis humana se converte em sociedade. (IASI, 2006, pg. 78).

Analisar o indivíduo, deslocado de sua forma ou expressão de grupo, ou seja, em sua singularidade, se esta cometendo um erro metodológico, exatamente porque na particularidade encontra-se a manifestação universal do ser social. Ainda que Cheptulin (2004) considere que para além do universal, no particular está a manifestação do singular, a apreensão destas três dimensões se dá pela dialética. Assim, para tentarmos compreender o indivíduo ou uma classe, o reconhecimento da totalidade ou universalidade torna-se uma condição para esta análise. No entanto, a propriedade do singular também não pode deixar de ser considerada, devida sua existência por dentro do movimento gerado pelo engendramento dessas categorias.

Em uma passagem do texto *propriedade privada e comunismo*⁸ encontramos, entre outras, uma explicação sobre o ser social do indivíduo, que oferece uma significativa elucidação teórica para esta reflexão:

Antes de tudo é preciso evitar a “sociedade” de novo como abstração frente ao indivíduo. O indivíduo é o ser social. A sua manifestação de vida - mesmo que também não apareça na

forma imediata de uma manifestação comunitária de vida, levada a cabo simultaneamente com outros - é por conseguinte uma manifestação e confirmação da vida social. A vida individual do homem e a sua // vida// do gênero não são diversas, por mais que também - e isto necessariamente - o modo de existência da vida individual é um modo mais particular ou mais geral da vida do gênero, ou quanto mais a vida do gênero é uma vida individual mais particular ou //mais// geral. (MARX & ENGELS, 1989, p. 171/172).

Esta forma de compreender a formação humana, e neste caso a formação do sem-terra, suscita algumas reflexões que merecem aprofundamento, especialmente no campo filosófico, as quais, por ora, sintetizam: o singular (o indivíduo) somente pode ser compreendido se for, ao mesmo tempo, reconhecida e compreendida as mediações que lhe dão o caráter de indivíduo singular, porém, social, pelas circunstâncias e determinações geradas pela relação indivíduo-sociedade [ou que sustentam a condição de indivíduo num determinado contexto social, como é o caso do MST].

Fora do reconhecimento dessas mediações vamos encontrar o indivíduo fragmentado, isolado em campos do particular, dentro do grupo social que corresponde, no entanto, desconectado do universal (da totalidade). As mediações se encontram em movimento entre o universal e o singular, não compreendendo o indivíduo por este processo (movimento) as explicações se dão dentro dos limites do particular, o que facilmente as conduz a uma explicação parcial do ser social⁹.

Na tentativa de compreender o indivíduo pelo processo (movimento) de sua constituição, que transita entre o universal e o particular (determinações e circunstâncias), defronta-se com a necessária possibilidade de compreendê-lo ontologicamente e, por isso, dentro de suas relações concretas. Como se verifica nesta explicação de Lukács (1979),

Todo o homem é necessariamente uma totalidade. Mas o problema ontológico consiste precisamente no fato de que essa autonomia mesma se torna portadora do caráter de parte em sentido social: o homem, na medida em que é homem e não simplesmente um ser vivo puramente biológico, fato que jamais acontece na realidade, não pode ser separado – em última análise – de sua totalidade social concreta, do mesmo modo como, ainda que a partir de outras bases ontológicas e portanto de modo diverso, o órgão não pode ser destacado da totalidade biológica. (LUKÁCS, 1979, p. 85).

Pelas relações sociais concretas a construção histórica das lutas do MST ocorreram como movimento de confronto ao projeto de sociedade capitalista, diante do quadro da produção da existência e da necessidade.

Há uma impossibilidade de compreender ontologicamente o indivíduo se o fizermos apenas por sua singularidade ou apenas por sua universalidade, pois do ponto de vista conceitual, uma ou outra estariam apresentando a dimensão na forma abstrata do ser social. Para chegarmos a uma aproximação do indivíduo em sua concretude seria preciso partir da idéia que o indivíduo é uma manifestação particular do ser social humana.

O ser social, uma espécie singular de ser vivo que estabelece certas relações sociais de produção, necessárias e independentes de sua vontade, dentro de certas condições materiais para produzir sua existência, é o ponto de partida abstrato e geral que encontramos mediatizado por formas particulares como cápsulas individuais que se julgam autônomas,

ou em momentos de fusão coletiva em grupos, ou ações coletivas de abrangência econômica imediata ou mais amplamente histórica na forma de classes sociais. (IASI, 2006, p.79).

As considerações do autor apontam que na visão marxiana os indivíduos partiram sempre de si mesmos no âmbito das suas condições e das suas relações históricas dadas. Acontece que no interior do desenvolvimento histórico e da divisão social do trabalho se produziu uma diferença entre a forma individual ou pessoal e as personificações coletivas.

Com base nesta compreensão, colocamos para reflexão o grau de dificuldade ou complexidade que encontramos ao buscar compreender o que é central na formação do sem-terra, ou determinante para que ele venha a ser um indivíduo fruto da coletividade, sem com isto perder sua singularidade. Sem deixar de trazer para esta análise as referências do trabalho como determinação das mediações que envolvem os sem-terra, pois concordamos com Lessa (2007) ao afirmar que a contradição entre a singularidade e a universalidade pertence à essência da categoria fundante do mundo dos homens, ou seja, a categoria trabalho.

Estas reflexões acabam provocando outra, que segundo interpretações marxistas tem relação com a produção da consciência: há mediações que determinam a ação dos indivíduos, mas que a ele estão ocultas, provocando resultados alheios a sua vontade, mas que, ao mesmo tempo, decorrem de sua atividade prática (concreto-real onde se identificam como sujeitos). Isto talvez seja o ser e o não ser objetivo do indivíduo e o ser ou não ser subjetivo do indivíduo. Marx & Engels, na *Ideologia Alemã* (2002), trazem uma explicação que nos parece bastante adequada a ser apresentada, com o intuito de entender esse movimento entre o material e o pensamento para a formação da consciência

A produção das idéias, das representações e da consciência está, a princípio direta e indiretamente ligada à atividade material e o comércio material dos homens, ela é a linguagem da vida real[...] São os homens que produzem suas representações, suas idéias etc., mas os homens reais, atuantes, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a eles correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar. A consciência nunca pode ser mais que o ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo de vida real. (MARX & ENGELS, 2002, p. 18/19).

Entendendo o particular como unidade do singular e do geral, trazemos outra face desta complexa interpretação, aquela que trata das mediações que constituem a formação do sem-terra, mais especificamente no campo metodológico das análises que devem ser feitas sobre a Teoria Pedagógica do Movimento, em especial o que esta teoria traduz como explicações objetivas da educação que acontece nesse espaço social. Entre as questões que indicamos para serem revistas na Teoria Pedagógica do Movimento trata-se de uma tendência com nuances à valorização de elementos, fatores, e processos constitutivos que derivam da relação específica com a educação e formação do sem-terra (do particular)¹⁰ sem com tudo manifestar com objetividade as ligações ou relações com o universal.

Questionamos essa tendência principalmente porque a Teoria Pedagógica do Movimento está circunscrita no campo particular de formação, ou seja, na e para a formação do sem-terra. Mesmo

reconhecendo que o MST é a grande escola (Caldart, 1999) e que isto configura um amplo espaço de formação que está para além do espaço escolar. Levantamos então a seguinte questão: se este aspecto particular do sem-terra seria o suficiente para uma síntese razoável do processo de sua formação, ao tomar para a análise apenas a prática social do Movimento, como ponto central ou como determinação educativa do sem-terra (ratificando: na dimensão do particular - MST).

A partir de tal abordagem teórico-metodológica, ou seja, pela ênfase na mediação apenas entre o singular (sem-terra) e o particular (MST), sem a devida consideração do universal (classe trabalhadora camponesa) a Teoria Pedagógica do Movimento não estaria apresentado uma insuficiente explicação para o processo de formação do sem-terra.

Se tomarmos aqui as determinações dominantes do capitalismo sobre a classe trabalhadora, é visível a influência direta e indireta dessa totalidade social na formação humana do sem-terra. Já constatamos pelas contribuições de Cheptulin (2004) que todo o ser social [sem-terra] é ao mesmo tempo singular e universal, é a síntese e a unidade da mediação dessas categorias.

Por tanto, há a necessidade metodológica de encontrar o fio condutor que liga as mediações mais amplas da sociedade capitalista com o MST e o sem-terra, e as mais específicas do MST com o sem-terra, para então buscarmos nessa complexidade, pelo menos desnudar aquelas relações que são determinantes e diferenciá-las das que não são determinantes na formação do sem-terra. Esta necessidade se impõe já que tais relações, produzidas e, ou, reproduzidas na prática social do Movimento fazem a diferença em relação à formação humana determinada pela divisão de classe da sociedade capitalista.

Conclusão: o necessário ou o contingente?

Neste momento de síntese das reflexões aqui apresentadas, e ao mesmo tempo de um processo de desenvolvimento teórico, que assume o desafio de mediar a Educação com os Movimentos Sociais, tendo como raiz filosófica o marxismo, encontramos em Cheptulin (2004) através de suas interpretações sobre o *necessário* e o *contingente* substanciais contribuições para esta conclusão, que permanecerá em movimento.

Pelas afirmações filosóficas do autor é a atividade prática que mostra a existência objetiva e real da necessidade, para tal constatação cita como argumento a crítica feita por Engels a Hume¹¹, a qual aferiu: “a prova da necessidade está na atividade humana, na experiência, no trabalho” (idem, p.244). Porém, explica Cheptulin (2004) que diferente desta interpretação, Havemann¹² acreditava que a atividade prática dos homens se fundamentava na contingência, na probabilidade, no acaso, e não na necessidade¹³.

O que pretendemos com o recorte destas duas interpretações é indagar: os sem-terra lutam pela Reforma Agrária por uma questão de contingência ou de necessidade? A história têm comprovado que é pela necessidade, uma vez que sua situação histórico-social está entre o lutar pela sobrevivência ou sucumbir as leis do capital. Este necessário, não é dado por uma condição particular, mas sim por uma determinação

universal, que refletida no singular produz as contradições de uma sociedade de classes, ao mesmo tempo, em que o os indivíduos (em sua singularidade) produzem suas possibilidades de vida, mas também reproduzem tais determinações (síntese, unidade: o particular). Isso nos leva a acreditar que a produção destas dimensões ocorre em graus diferenciados.

Mas então como identificar estes graus diferenciados? É possível apreendermos tal realidade, em sua concretude, sem levarmos em consideração as mediações entre o universal, o singular e o particular? É possível apreendermos da realidade do MST (particular) o processo de formação do sem-terra (singular)¹⁴, sem trazermos para as análises teóricas o entendimento das determinações que empurraram estes indivíduos para um processo de exclusão social (universal)?

Destacamos que ao buscar respostas mais aprofundadas sobre a formação humana do sem-terra, deve-se sobre qualquer hipótese levar em consideração a totalidade social – [pautada no confronto entre capitalistas e trabalhadores] em que se insere o MST. Tal acepção exige segundo nossa compreensão, que a teoria pedagógica do Movimento sendo elaborada a partir dos fundamentos do materialismo histórico dialético terá maior legitimidade frente a prática educativa do sem-terra, enquanto houver neste contexto a exigência de intervenção social para a transformação das relações de produção capitalistas. Nestes termos haveria a perspectiva de uma teoria com maior grau de aproximação à realidade concreta, pela elucidação e apreensão das múltiplas determinações que provocam o movimento do ir e vir entre o singular, o particular e o universal.

Concluimos, neste íterim, que sem apresentarmos uma explicação teórica das mediações dadas entre essas categorias, para o processo de formação humana do sem-terra, estaremos reproduzindo um dos declínios da fundamentação marxista no interior da Teoria Pedagógica do Movimento, como já vem ocorrendo na teoria geral da Educação.

Além disto, poderemos estar nos defrontando com a problemática do distanciamento do projeto histórico socialista como norteador da educação do MST, caminhando para uma conformação ao projeto anti-histórico capitalista, que é o maior obstáculo para emancipação da classe trabalhadora.

A luta contra o capitalismo, não temos dúvidas, é algo necessário, mesmo que em meio a ela apareçam contingências. Os sem-terra, o MST, têm ao longo de sua história de luta como movimento social camponês confrontado realidades, destituído poderes, construído possibilidades de trabalho coletivo e de educação. Por isso, há nele um processo de formação com raízes transformadoras. No entanto, vale lembrarmos o desafio apontado por Valente (1995) para os movimentos sociais e educação, que é reconhecer o *velho* paradigma, o marxismo, ainda como possuidor das bases mais sólidas para a explicação e sistematização do *novo*, ou seja, no caso do MST, do processo de formação humana do sem-terra.

Referências bibliográficas

CALDART, Roseli Salete. *Escola é mais do que escola na pedagogia do movimento Sem Terra*. Porto Alegre, PPGE-UFRGS, 1999. (Tese de doutorado).

CHEPTULIN, Alexandre. *A Dialética Materialista*. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 2004.

IASI, Mauro Luis. *As metamorfoses da consciência de classe (o PT entre a negação e o consentimento)*. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2006.

LESSA, Sérgio. *Para compreender a Ontologia de Lukács*. Alagoas, 2007. (*mimio*).

LUKÁCS, György. (1979). *Ontologia do ser social: Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx*. (Tradução de Carlos Nelson Coutinho). São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1979.

KUENZER, Acácia Zeneida. Desafios teórico-metodológico da reflexão trabalho-educação e o papel social da escola. In.: *Educação e Crise do Trabalho: perspectivas de final de século*. Org. Gaudêncio Frigotto. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

NETO, José, Paulo. *Marxismo impenitente; contribuição à história das idéias marxistas*. São Paulo; Ed. Cortez, 2004.

KARL. Marx, ENGELS, Friedrich. Propriedade privada e comunismo: In.: *História*. Org. Florestan Fernandes. 3º ed., São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. *Ideologia Alemã*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2002.

KARL. Marx. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2004.

VALENTE, Ana Lúcia E. F. Movimentos sociais e educação, apostando no “velho” paradigma e na sua capacidade de interpretação do “novo”. *Revista Intermeio* (do Mestrado de Educação), UFMS, V. 1, N.1, p. 29-36, 1995.

Notas:

¹ Professora adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB. Mestre em Ciência do Movimento Humano pelo PPGCMH/UFMS. Doutora em Educação, Cultura e Tecnologia pelo PPGE/UFPR. A partir da tríade ensino-pesquisa e extensão tem atuado nas áreas de Educação, Educação Física, Escola e Movimentos Sociais. Email: fmg.2009@hotmail.com

² Sobre os desafios colocados para o marxismo em nosso tempo e as interpretações que recaem em enfoques deterministas, culturalistas, subjetivistas, etc., são encontradas bases críticas para essa reflexão, especialmente, em dois momentos do livro: *Marxismo Impenitente: contribuições à história das idéias marxistas* (2004) de José Paulo Neto; capítulo 6 - G. Lukács: um exílio da pós-modernidade e no Apêndice - De como não ler Marx ou Marx de Souza Santos.

³ No limite deste texto, buscaremos apresentar reflexões sintéticas e em alguns aspectos introdutórias e, ao mesmo tempo, indicativas das bibliografias utilizadas como aportes teóricos do presente estudo, visto que o mesmo encontra-se em processo de construção, exigindo um maior espaço para seu desenvolvimento.

⁴ Para argumentação deste debate damos ênfase ao texto de Valente (1995), “Movimentos sociais e educação, apostando no ‘velho’ paradigma e na capacidade interpretativa do ‘novo’”, *Revista Intermeio/UFMS*.

⁵ Cheptulin (2004, pp. 242-246) explica o que são possibilidades reais e formais (p. 341), e traz uma profunda explicação filosófica para o desdobramento do real enquanto necessário, e do formal enquanto contingente.

⁶ A continuação destas explicações é encontrada entre as páginas 157 e 202 do livro citado.

⁷ Kuenzer (1998) traz no texto: “Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola”, relevantes argumentos, no campo marxista, para a compreensão e definição dos elementos que devem constituir uma pesquisa pelo método do materialismo histórico dialético, e explica em relação as categorias que elas: “*serem de critério de seleção e organização da teoria e dos fatos a serem investigados, a partir da finalidade da pesquisa, fornecendo-lhe o princípio de sistematização que vai lhe conferir sentido, cientificidade, rigor, importância.*” (idem, p. 62). Este ensaio trata de uma parte deste desafio metodológico.

⁸ In: Fernandes (org.) K.Marx e F.Engels: história, 1989.

⁹O que facilmente nos leva ao entendimento do porque certas análises buscam explicações no campo da identidade, da cultura, da comunicação,..., enfocando o indivíduo em suas manifestações, comportamentos, valores, éticas, etc. Como por exemplo, através de

uma leitura mais atenta encontra-se esta roupagem em Touriane (2004). E de forma contestadora, encontramos no livro de José Paulo Neto (2004): *Marxismo Impenitente, análises e críticas a essas querelas epistemológicas*.

- ¹⁰ As explicações teóricas a que nos referimos, em parte, encontram-se nos cadernos do Setor de Educação do MST e em alguns estudos de tese, dissertações e livros que tratam desse tema. Onde identificamos uma minimização do uso da categoria totalidade, da categoria trabalho, das análises sobre a superação do modo de produção capitalista e sobre o confronto direto da classe trabalhadora com o projeto histórico capitalista.
- ¹¹ David Hume foi um filósofo e historiador escocês, juntamente com Adam Smith e Thomas Reid, considerado uma das referências mais importantes do iluminismo escocês. Em seu legado carrega o problema da causalidade e da indução, do utilitarismo e da razão prática e do instrumentalismo. (http://wipedia.org/wiki/David_Hume).
- ¹² Robert Havemann, autor do livro: *Dialética sem Dogma* - Ed. Zahar - Rio de Janeiro, 1967.
- ¹³ Outro exemplo para esta questão pode ser encontrado em Lessa (2007) ao relatar e explicar o desenvolvimento ontológico do ser social, através da história de um indivíduo chamado Ikursk.
- ¹⁴ Processo de formação contraditório que ora apresenta aspectos emancipadores e ora aspectos alienantes.

Recebido em: 21/10/2012

Publicado em: 05/2013